

The background of the cover is a colorful illustration. At the top, a large green tree with a brown trunk stands on a grassy area. Four children are sitting on a blue bench under the tree, each reading a book. To the right, a girl with orange hair sits on a tall stack of books, also reading. On the left side, a girl with brown hair sits on a stack of books. At the bottom left, a girl in a pink dress sits on the grass reading. At the bottom center, a boy in a blue shirt sits on the grass reading. At the bottom right, a boy in a blue shirt sits on a stack of books reading. The sky is blue with white clouds. The entire cover is framed by a decorative border of small red and white dots.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc
Mestrado Profissional em Educação

FERNANDA DA SILVA ARAÚJO
PATRICIA DOS SANTOS MOURA

**PEQUENO MANUAL DO
TRABALHO COM LITERATURA
PARA GRANDES PROFESSORES**

**JAGUARÃO
2025**

MANUAL DE LEITURA E LITERATURA

1. A importância da leitura e da escrita

No cenário contemporâneo, ler e escrever são habilidades essenciais para o pleno exercício da Cidadania e para o desenvolvimento pessoal e profissional. O processo de aprender a ler e interpretar é contínuo, aprimorando-se ao longo da vida. Quanto mais o indivíduo lê, mais competente ele se torna como leitor. A escola desempenha um papel fundamental nesse processo.

Quanto a isso Zilberman, (1985) comenta que

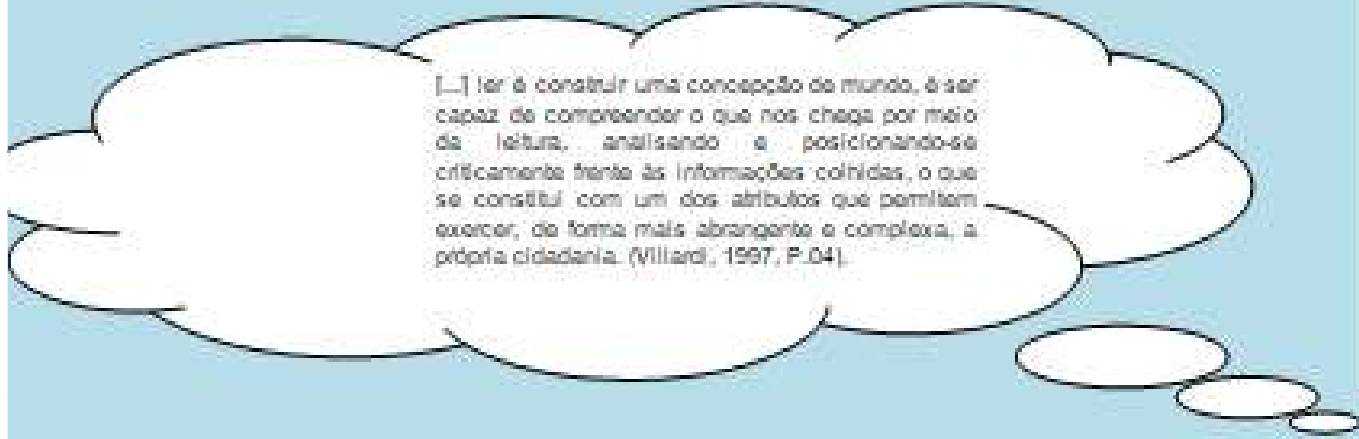
As afinidades entre escola e leitura se mostram a partir das circunstâncias de que é por intermédio da ação da primeira que o indivíduo se habilita à segunda. Concebendo-se a alfabetização como um direito do homem, o que justifica sua franca expansão entre os diferentes povos e civilizações do planeta, ela não se concretiza sem o concurso do aparelho escolar, de modo que este se equipa e se estrutura, para atingir aquela meta com eficácia.

Estas relações, por sua vez, não são mecânicas, como se a escola fosse a causa, e a leitura, a consequência. Tratando-se de fenômenos afins mesclam-se de tal maneira, que se torna impraticável, e até estéril, tentar discernir suas respectivas fronteiras. Além disto, escola e leitura passaram por um incremento simultâneo, a partir de um certo momento da história do Ocidente, reforçando a parceria entre elas. E, enfim, a crise da leitura tem sido interpretada também como uma crise da escola. Confirmando-se, pois, os elos entre a instituição ligada ao ensino e a prática da leitura, cabe compreender suas histórias concomitantes e resultados comuns, para delimitar o papel que a escola pode vir a desempenhar, no redimensionamento de suas dificuldades mútuas. (Zilberman, 1985, p.11)

2. A leitura como prática social e pedagógica

A leitura literária é uma prática social indispensável. O ato de ler transcende a mera decodificação linguística, consolidando-se a partir da interação entre autor, texto, leitor e o contexto em que ambos são inseridos na leitura. É uma atividade interacional, onde o significado do texto é construído a partir da visão social do sujeito. Assim, a leitura é, sobretudo, um ato social mediado nas diversas relações sociais do indivíduo— seja na leitura de um clássico literário de uma publicação em redes sociais ou de uma bula de remédio (Fernandes, 2010; Souza Neto, 2014).

Villardi (1997) complementa essa visão



[...] ler é construir uma concepção do mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui com um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (Villardi, 1997, P.04).

Freire (2006 p.20) estabelece uma analogia, afirmando que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, transformando o ato de ler em uma ação que, primordialmente, interpreta o mundo, associando o texto à realidade.

A prática da leitura deve ser vista como uma ação cultural historicamente constituída. Seu efeito deve ir além do acúmulo de informações presente no texto. A literatura apropria-se de elementos culturais e sociais para se concretizar, e lê-la significa construir sentidos a partir desses elementos. Dessa forma, a leitura literária permite ao leitor interpretar o mundo através da literatura agindo de maneira mais crítica e participativa, pois ela o desperta para elementos socioculturais (Ramos; Zanolla, 2009; Cosson, 2022).

Quanto maior o contato com a leitura, maior domínio de entendimento do mundo e a ampliação cultural. Por isso a leitura é uma prática que deve ser incentivada frequentemente nas escolas. A formação do leitor é um dos desafios do trabalho de professores.

Bittencourt (2020) define o ato de ler como: atribuir significados estabelecer um diálogo com o outro e com os significados socialmente construídos por sujeitos históricos. O ato de ler implica compreender que o texto carrega discursos, exigindo do leitor uma postura de questionamento. No entanto, o exercício de leitura nos anos iniciais muitas vezes se limita à verbalização dos textos simplificados, sem a compreensão do conteúdo ou o confronto de opiniões do autor, resultando em alunos que decodificam sem compreender, sem distinguir fatos de opiniões e sem sintetizar com suas próprias palavras.

O que é ler? Ler é atribuir sentidos. Ler é entrar em diálogo com o outro e com os sentidos construídos socialmente por sujeitos históricos. Neste viés, ler pressupõe compreender que o que está dito no texto carrega os discursos que constituem aquele que diz, exigindo do leitor um olhar de interrogação e uma atitude responsiva. O que acontece, muitas vezes, é que o exercício de ler em sala de aula nos anos iniciais se restringe somente à expectativa da escola de que a criança desenvolva a habilidade de verbalizar de forma adequada segmentos textuais de textos empobrecidos, não importando a compreensão do conteúdo, a identificação da função textual, o embate com as opiniões daquele que escreve. Essa atividade, na maioria das vezes, exige, no máximo, a identificação da relação entre as partes do texto e o reconhecimento da "ideia principal do texto" ou ainda "o que o autor quis dizer". Isso contribui significativamente para que sejam formados sujeitos decodificadores de textos que não compreendem o que leem, não distinguem fatos de opiniões, não conseguem sintetizar com suas próprias palavras o que o outro disse e, por consequência, apresentam sérias dificuldades de se autorizar a emitir opinião sobre aquilo que não entendem como sendo um ponto de vista entre tantos possíveis, já que a interpretação de um texto nunca é uma só, ao mesmo tempo, que também não pode ser qualquer uma. (Bittencourt, 2020, p. 83)

É crucial questionar e repensar as práticas tradicionais de leitura que contribuem para o desinteresse. A leitura sendo uma atividade que envolve discursos não neutros e visões de mundo exige uma reflexão sobre o tipo de leitores que fomos moldados a ser e o tipo de leitores que desejamos formar. A promoção da leitura vai além das questões pedagógicas, possuindo uma dimensão social significativa.

3. O trabalho com a literatura no ensino fundamental

O trabalho com a literatura é essencial no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem, imaginação e conexão com a cultura. Ele deve ser estruturado para desenvolver habilidades progressivas nos alunos, auxiliando na compreensão estrutural e expressiva dos textos.

Nelly Novaes Coelho (2000, p. 32-40) propõe etapas de desenvolvimento do leitor, conforme citado por Bittencourt (2020):

Para dar um suporte ao que o professor pode estar se perguntando sobre leitor, leitura e idade, pode-se passar a pensar a respeito das etapas que contemplam a leitura e o leitor, de acordo com idade e ano escolar. Nelly Novaes Coelho (2000, p. 32-40) propõe as seguintes etapas: pré-leitor (15/17 meses aos 3 anos)", leitor iniciante (6/7 anos); leitor-em-processo (8/9 anos); leitor fluente (10/11 anos) e o leitor crítico (12/13) anos. (Bittencourt, 2020, p. 105)





Etapas do Desenvolvimento do Leitor (Bittencourt, 2020).

Na fase inicial do leitor iniciante, por volta dos 6/7 anos, a criança desenvolve interesse pela leitura principalmente devido à liberdade e às descobertas que ela traz. Neste estágio, a criança explora novos mundos através de livros ilustrados e textos simples, onde as imagens coloridas estimulam sua imaginação. As obras destinadas a esse público devem oferecer uma diversidade de estímulos sensoriais, como diferentes imagens, cores e texturas, sem esquecer do estímulo sonoro e visual. A literatura para esta fase deve relacionar elementos reais com fantásticos, não havendo uma separação clara entre esses dois mundos para o leitor em formação.

Na etapa seguinte, do leitor-em-processo, entre 8/9 anos, antes da capacidade de abstração plena, a criança já consegue decodificar símbolos gráficos e estabelecer relações concretas. Este é um período de exploração das narrativas, com ênfase em histórias envolvendo ação e poucos personagens. A sequência de eventos deve seguir uma estrutura temporal e lógica. Tanto imagens reais quanto fantasiosas continuam a ser fonte de prazer para o leitor nessa fase.

Já no estágio do leitor fluente, por volta dos 10/11 anos, após a alfabetização, os livros passam a ter mais texto do que imagens. Nesta fase, o leitor está desenvolvendo habilidades de abstração na leitura, sendo capaz de criar imagens mentais a partir das palavras impressas. Ele consegue mergulhar no mundo ficcional dos livros através de sua imaginação e reconhece a natureza visual desse universo literário. As leituras recomendadas são diversificadas em temas e gêneros literários, pois quanto mais exposto a diferentes estilos literários, maior será a chance de se tornar um leitor habilidoso. Limitar a leitura apenas a contos de fadas é considerado restritivo, sendo mais benéfico optar por obras que mesclam realidade e fantasia.

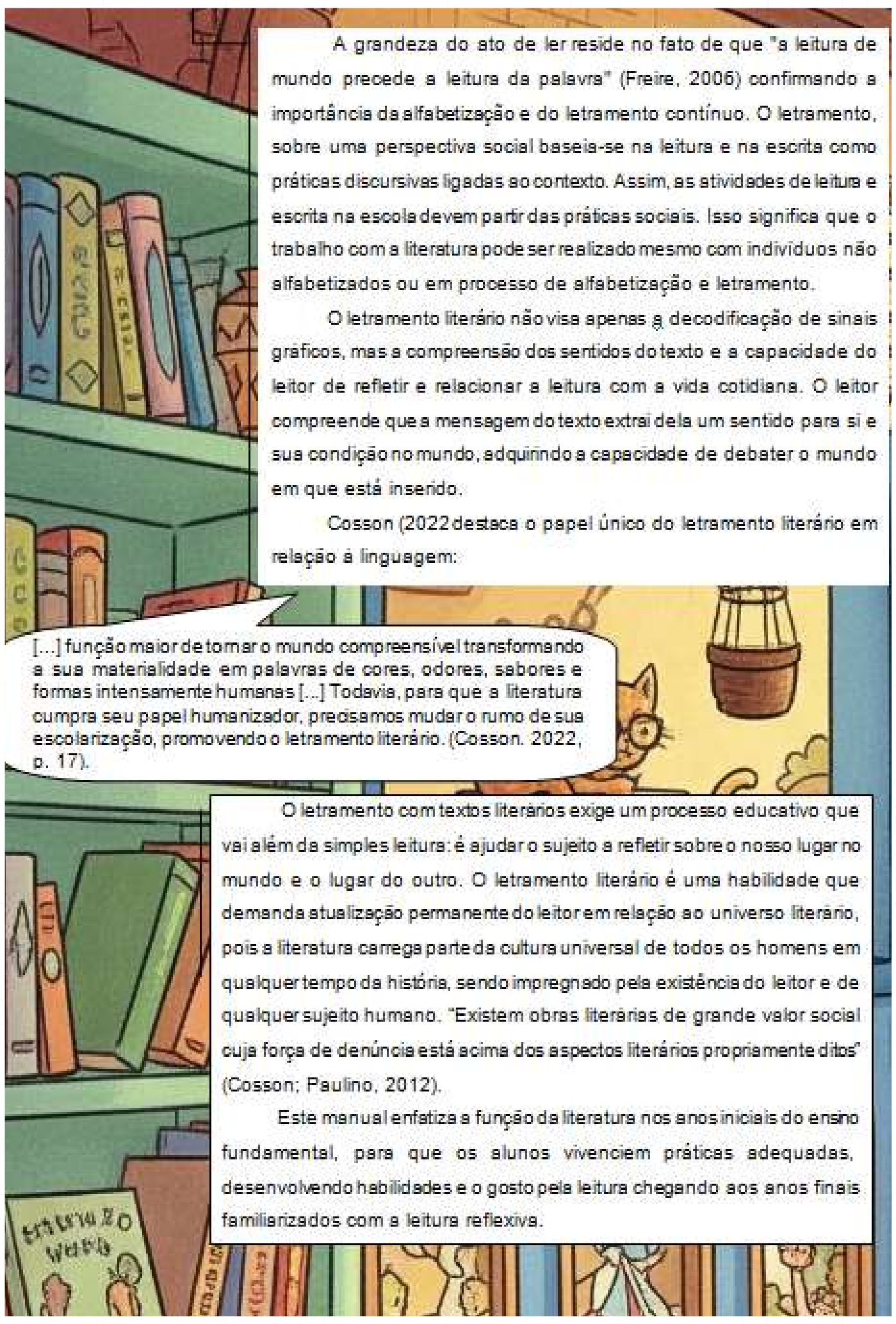
4. O LETRAMENTO LITERÁRIO

As teorias a respeito do letramento surgiram em meados de 1986, por meio dos discursos e de pesquisas apresentadas pela autora Mary Kato em seu livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Conforme a autora, "a língua falada culta é consequência do letramento" (Kato, 1986). No ano de 1988, a autora Leda Verdiani Tfouni faz uma diferenciação entre alfabetização e letramento em seu livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. A partir de estudos e de pesquisas na área educacional, incorporou-se à nossa língua o termo letramento apesar de nem sempre haver consenso na definição exata desse termo. Na década de 90 a publicação de dois livros de diferentes autoras: *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita* de Ângela Kleiman (1995) e *Letramento: um tema em três gêneros* de Magda Soares (1998; 2019) abordam o termo letramento. O mesmo sempre foi usado para tratar da apropriação e do uso social da escrita, uma vez que a sociedade exigia uma denominação para designar tal termo.

Compreende-se por letramento neste estudo "o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita" (Soares, 1998, p.18). Soares (2010) esclarece que:

Alfabetização e letramento são processos diferentes, mas indissociáveis: embora se diferenciam quanto às habilidades cognitivas que envolvem, e, consequentemente, impliquem formas diferentes de aprendizagem, processos simultâneos e interdependentes. (Soares, 2010, p. 61).

O processo de letramento pode começar antes mesmo da escolarização através da interação com o outro (ouvir histórias, observar letras e números, assistir desenhos animados). A escola cabe a função de apresentar o sistema de escrita e a leitura e ampliar o processo de letramento do indivíduo.

The background of the entire page is a colorful illustration of a library. On the left, there are green bookshelves filled with books of various colors (blue, yellow, pink, orange). A cat with orange fur and white markings is visible on the right side, looking towards the left. In the bottom right corner, there is a small illustration of a person reading a book. The text is overlaid on this background.

A grandeza do ato de ler reside no fato de que "a leitura de mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 2006) confirmando a importância da alfabetização e do letramento contínuo. O letramento, sobre uma perspectiva social baseia-se na leitura e na escrita como práticas discursivas ligadas ao contexto. Assim, as atividades de leitura e escrita na escola devem partir das práticas sociais. Isso significa que o trabalho com a literatura pode ser realizado mesmo com indivíduos não alfabetizados ou em processo de alfabetização e letramento.

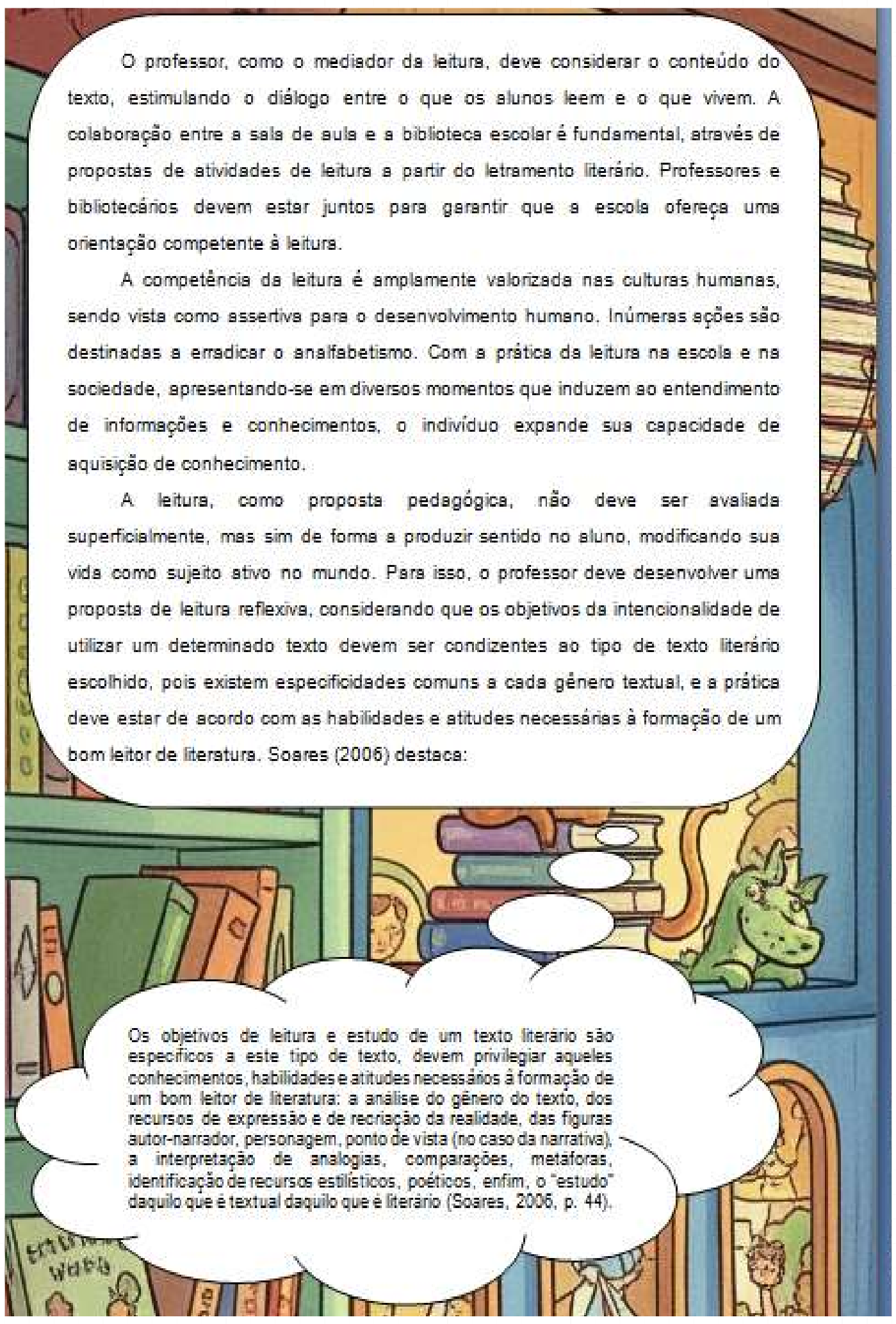
O letramento literário não visa apenas a decodificação de sinais gráficos, mas a compreensão dos sentidos do texto e a capacidade do leitor de refletir e relacionar a leitura com a vida cotidiana. O leitor compreende que a mensagem do texto extrai dela um sentido para si e sua condição no mundo, adquirindo a capacidade de debater o mundo em que está inserido.

Cosson (2022) destaca o papel único do letramento literário em relação à linguagem:

[...] função maior de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas [...] Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar o rumo de sua escolarização, promovendo o letramento literário. (Cosson, 2022, p. 17).

O letramento com textos literários exige um processo educativo que vai além da simples leitura: é ajudar o sujeito a refletir sobre o nosso lugar no mundo e o lugar do outro. O letramento literário é uma habilidade que demanda atualização permanente do leitor em relação ao universo literário, pois a literatura carrega parte da cultura universal de todos os homens em qualquer tempo da história, sendo impregnado pela existência do leitor e de qualquer sujeito humano. "Existem obras literárias de grande valor social cuja força de denúncia está acima dos aspectos literários propriamente ditos" (Cosson; Paulino, 2012).

Este manual enfatiza a função da literatura nos anos iniciais do ensino fundamental, para que os alunos vivenciem práticas adequadas, desenvolvendo habilidades e o gosto pela leitura chegando aos anos finais familiarizados com a leitura reflexiva.

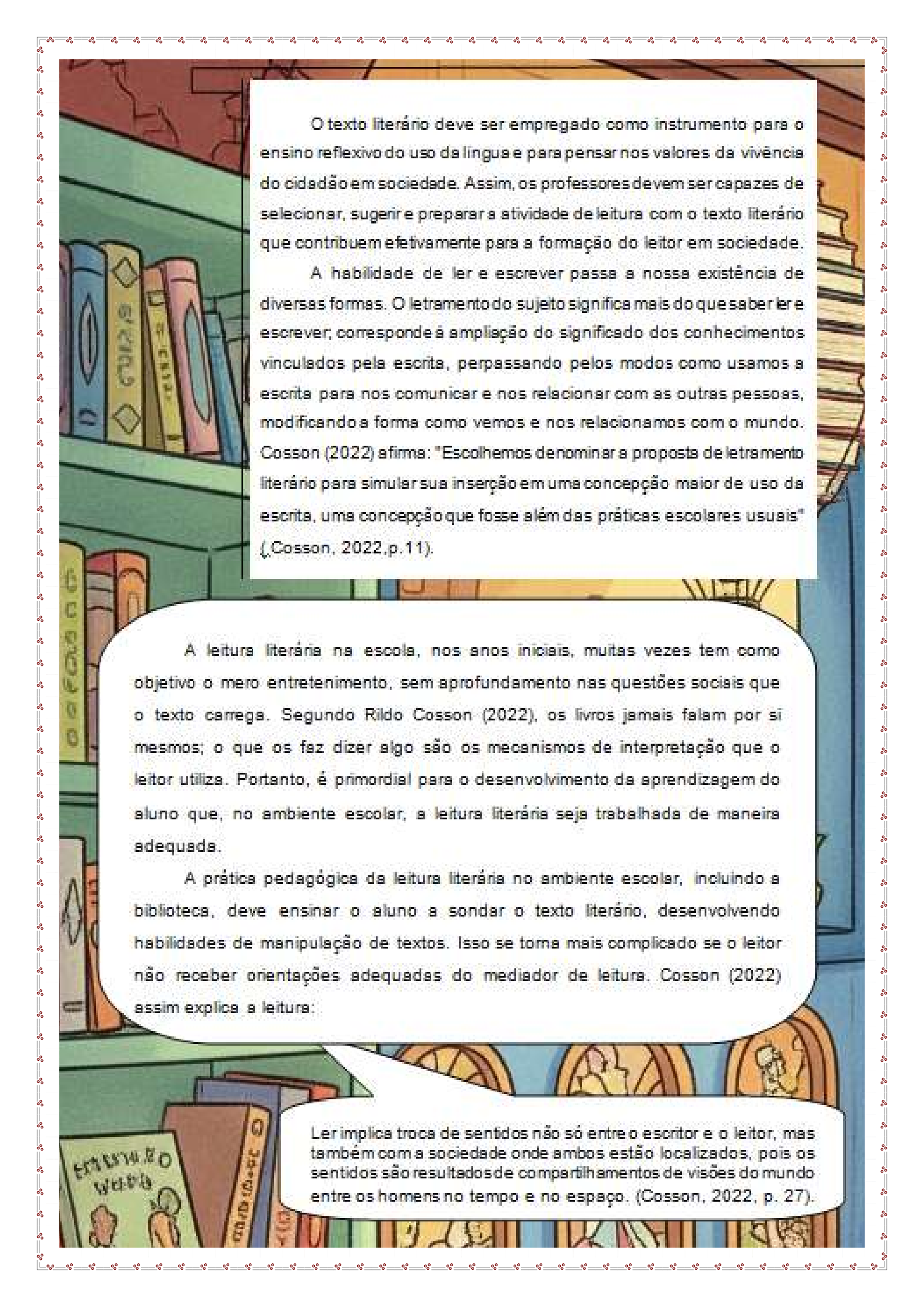
The background of the page is a colorful illustration of a library. On the left, there are tall bookshelves filled with books of various colors. On the right, a green dinosaur with a long neck and a small horn is sitting on a shelf, looking towards the left. The entire scene is framed by a decorative border of small red and white dots.

O professor, como o mediador da leitura, deve considerar o conteúdo do texto, estimulando o diálogo entre o que os alunos leem e o que vivem. A colaboração entre a sala de aula e a biblioteca escolar é fundamental, através de propostas de atividades de leitura a partir do letramento literário. Professores e bibliotecários devem estar juntos para garantir que a escola ofereça uma orientação competente à leitura.

A competência da leitura é amplamente valorizada nas culturas humanas, sendo vista como assertiva para o desenvolvimento humano. Inúmeras ações são destinadas a erradicar o analfabetismo. Com a prática da leitura na escola e na sociedade, apresentando-se em diversos momentos que induzem ao entendimento de informações e conhecimentos, o indivíduo expande sua capacidade de aquisição de conhecimento.

A leitura, como proposta pedagógica, não deve ser avaliada superficialmente, mas sim de forma a produzir sentido no aluno, modificando sua vida como sujeito ativo no mundo. Para isso, o professor deve desenvolver uma proposta de leitura reflexiva, considerando que os objetivos da intencionalidade de utilizar um determinado texto devem ser condizentes ao tipo de texto literário escolhido, pois existem especificidades comuns a cada gênero textual, e a prática deve estar de acordo com as habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura. Soares (2006) destaca:

Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o "estudo" daquilo que é textual daquilo que é literário (Soares, 2006, p. 44).



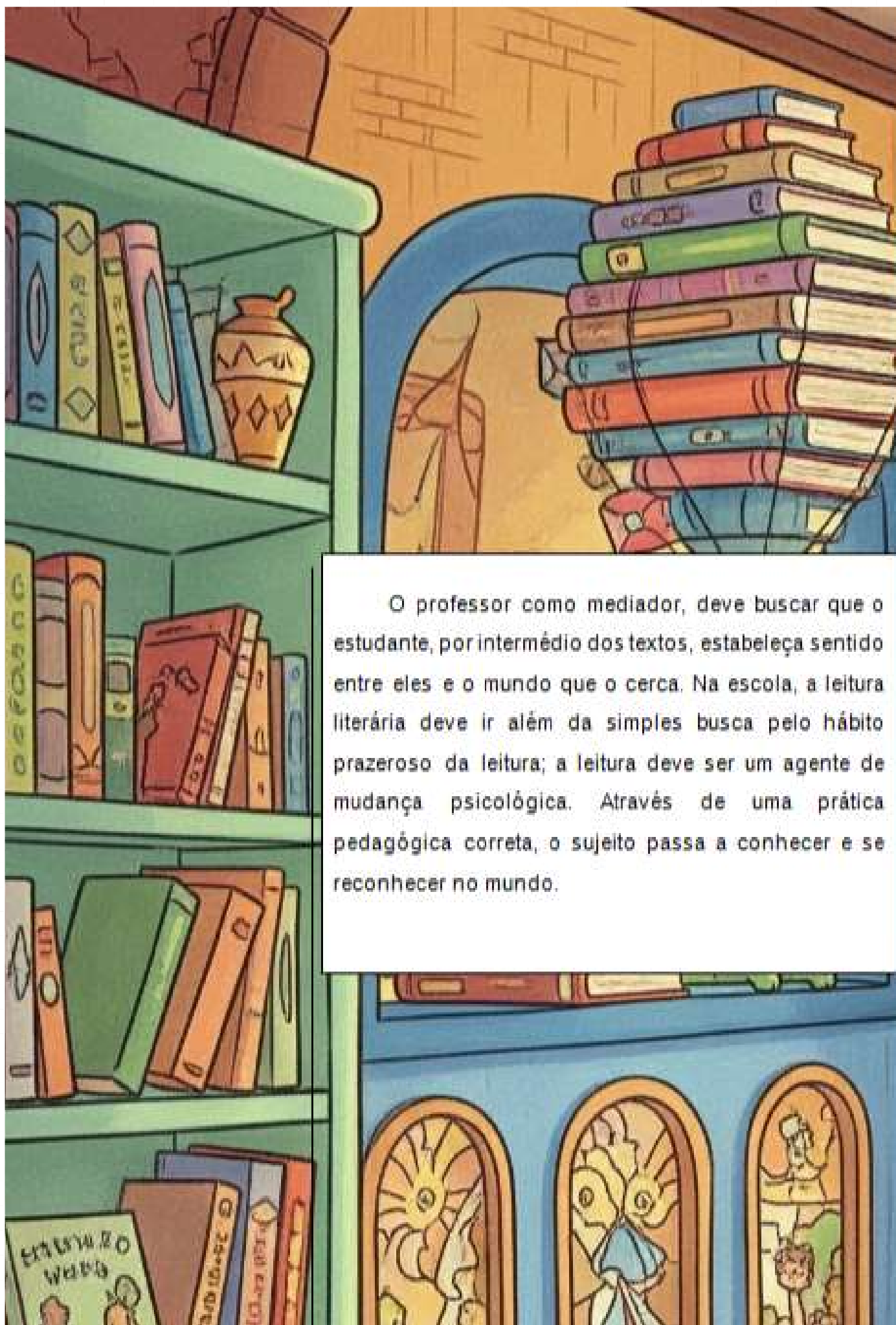
O texto literário deve ser empregado como instrumento para o ensino reflexivo do uso da língua e para pensar nos valores da vivência do cidadão em sociedade. Assim, os professores devem ser capazes de selecionar, sugerir e preparar a atividade de leitura com o texto literário que contribuem efetivamente para a formação do leitor em sociedade.

A habilidade de ler e escrever passa a nossa existência de diversas formas. O letramento do sujeito significa mais do que saber ler e escrever; corresponde à ampliação do significado dos conhecimentos vinculados pela escrita, perpassando pelos modos como usamos a escrita para nos comunicar e nos relacionar com as outras pessoas, modificando a forma como vemos e nos relacionamos com o mundo. Cosson (2022) afirma: "Escolhemos denominar a proposta de letramento literário para simular sua inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais" (Cosson, 2022, p. 11).

A leitura literária na escola, nos anos iniciais, muitas vezes tem como objetivo o mero entretenimento, sem aprofundamento nas questões sociais que o texto carrega. Segundo Rildo Cosson (2022), os livros jamais falam por si mesmos; o que os faz dizer algo são os mecanismos de interpretação que o leitor utiliza. Portanto, é primordial para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno que, no ambiente escolar, a leitura literária seja trabalhada de maneira adequada.

A prática pedagógica da leitura literária no ambiente escolar, incluindo a biblioteca, deve ensinar o aluno a sondar o texto literário, desenvolvendo habilidades de manipulação de textos. Isso se torna mais complicado se o leitor não receber orientações adequadas do mediador de leitura. Cosson (2022) assim explica a leitura:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (Cosson, 2022, p. 27).



O professor como mediador, deve buscar que o estudante, por intermédio dos textos, estabeleça sentido entre eles e o mundo que o cerca. Na escola, a leitura literária deve ir além da simples busca pelo hábito prazeroso da leitura; a leitura deve ser um agente de mudança psicológica. Através de uma prática pedagógica correta, o sujeito passa a conhecer e se reconhecer no mundo.

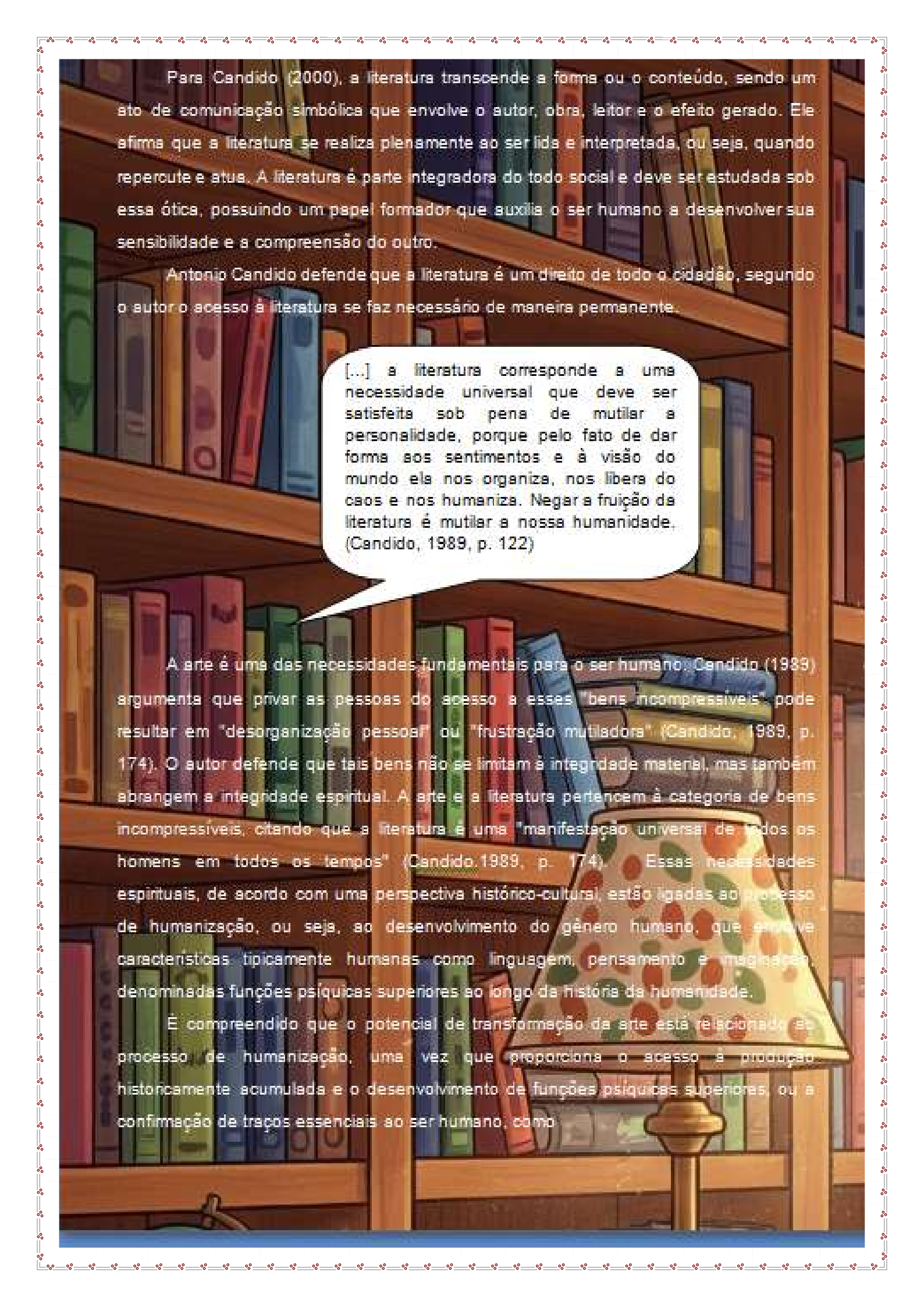
5. A literatura como um direito universal e meio de humanização

Antonio Candido, na obra *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, traz uma caracterização de literatura como um produto social intrínseco a uma civilização, não apenas um espelho, mas também um agente ativo na formação dos indivíduos (Candido, 2000). O autor argumenta que a literatura emerge e se desenvolve imersa em um contexto social específico, reverberando os valores, crenças e conflitos de sua época. Ela atua como um reflexo da sociedade e, simultaneamente, como um catalisador de transformação social (Candido, 2000).

Ao oferecer experiências de leitura e instigar a reflexão, a literatura, segundo Candido (2000) contribui para a formação dos indivíduos. Ela amplia horizontes e auxilia na compreensão do mundo e de si mesmos. Para ele, a literatura é um direito humano fundamental, acessível a todos e não restrita a uma elite. A relação entre literatura e sociedade é dialética, a literatura não só reflete a realidade, mas também a questiona, critica e a interpreta. Em contrapartida, o contexto social influencia a produção e a recepção literária (Candido, 2000).

A literatura na visão de Candido, é um fenômeno multifacetado e complexo, profundamente entrelaçado com a sociedade. Ela a reflete, transforma e molda seus sujeitos. Como um dos maiores críticos literários brasileiros, Antonio Candido defende que a literatura é um fenômeno social e só atinge sua plenitude quando cumpre uma função dentro da sociedade, a obra literária não pode ser desvinculada de seu contexto de produção e recepção.

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. grã, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito. (Candido, 2000, p.21).

The background of the entire page is a stylized illustration of a library. It features several wooden bookshelves filled with books of various colors. In the bottom right corner, there is a lamp with a brass-colored base and a conical shade decorated with a pattern of red and green circles. The entire scene is framed by a decorative border consisting of a repeating pattern of small red and white floral motifs.


Para Candido (2000), a literatura transcende a forma ou o conteúdo, sendo um ato de comunicação simbólica que envolve o autor, obra, leitor e o efeito gerado. Ele afirma que a literatura se realiza plenamente ao ser lida e interpretada, ou seja, quando repercute e atua. A literatura é parte integradora do todo social e deve ser estudada sob essa ótica, possuindo um papel formador que auxilia o ser humano a desenvolver sua sensibilidade e a compreensão do outro.

Antonio Candido defende que a literatura é um direito de todo o cidadão, segundo o autor o acesso à literatura se faz necessário de maneira permanente.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos libera do caos e nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Candido, 1989, p. 122)

A arte é uma das necessidades fundamentais para o ser humano. Candido (1989) argumenta que privar as pessoas do acesso a esses "bens incompressíveis" pode resultar em "desorganização pessoal" ou "frustração mutiladora" (Candido, 1989, p. 174). O autor defende que tais bens não se limitam à integridade material, mas também abrangem a integridade espiritual. A arte e a literatura pertencem à categoria de bens incompressíveis, citando que a literatura é uma "manifestação universal de todos os homens em todos os tempos" (Candido, 1989, p. 174). Essas necessidades espirituais, de acordo com uma perspectiva histórico-cultural, estão ligadas ao processo de humanização, ou seja, ao desenvolvimento do gênero humano, que envolve características tipicamente humanas como linguagem, pensamento e imaginação denominadas funções psíquicas superiores ao longo da história da humanidade.

É compreendido que o potencial de transformação da arte está relacionado ao processo de humanização, uma vez que proporciona o acesso à produção historicamente acumulada e o desenvolvimento de funções psíquicas superiores, ou a confirmação de traços essenciais ao ser humano, como

The background of the entire page is a stylized illustration of a library. It features several wooden bookshelves filled with books of various colors. In the bottom right corner, there is a lamp with a brass-colored base and a yellow lampshade decorated with orange and green polka dots. A large white speech bubble originates from the top left, and a smaller one originates from the bottom right, both containing text.

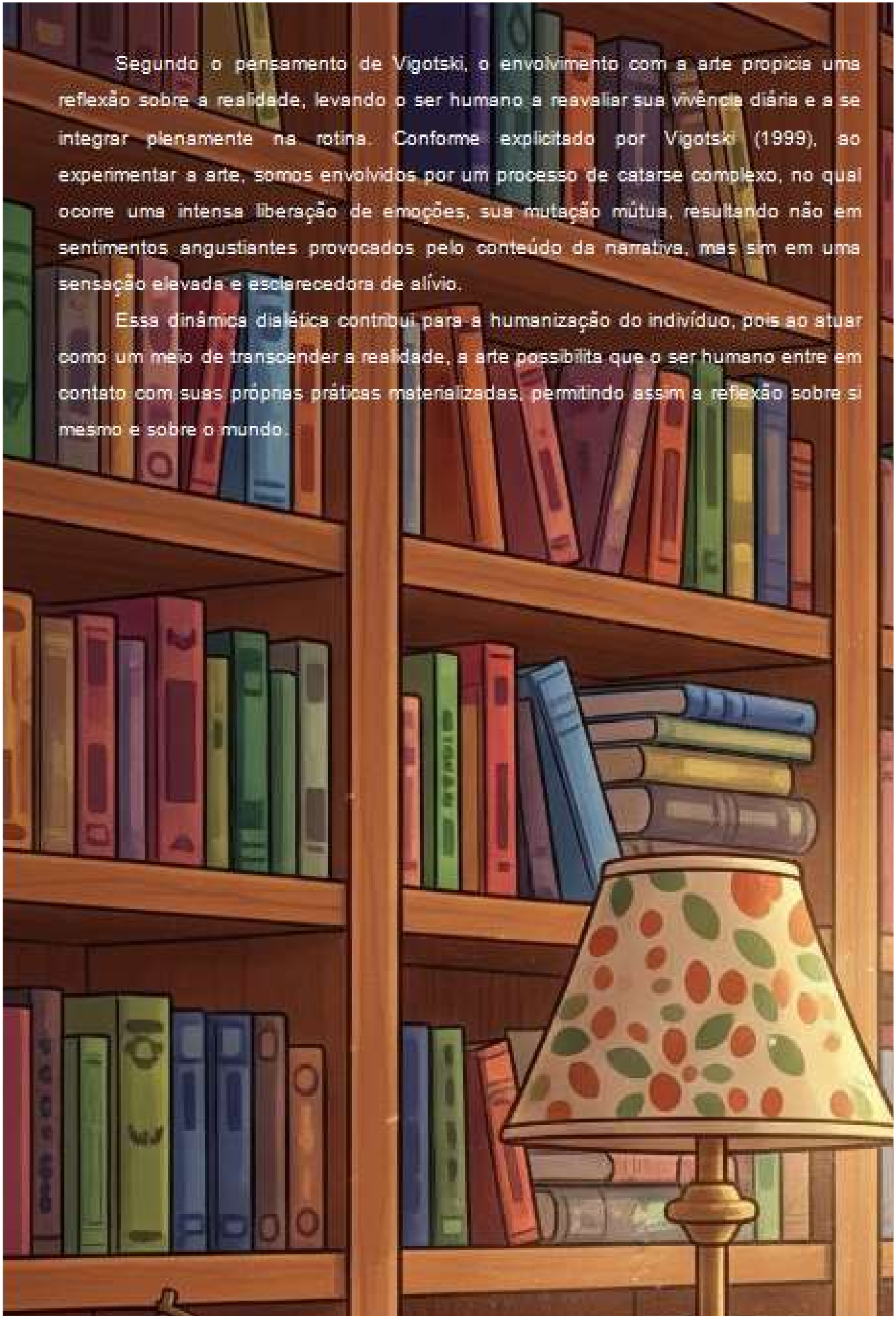
[...]o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Candido, 1989, p. 180).

Vigotski (1999) afirma que a arte é uma "condensação da realidade" (Vigotski, 1999, p. 315), enquanto Antonio Candido (1989) caracteriza a literatura como uma "forma de conhecimento" (Candido, 1989, p. 176). Isso não implica que a arte seja uma mera reprodução da realidade, mas sim uma criação a partir dela.

Vigotski (1999) também enfatiza que "a arte é o social em nós" (Vigotski, 1999, p. 315), o que implica que tanto a apreciação da arte quanto a objetivação de emoções e sentimentos em uma obra de arte envolvem uma apropriação social, uma mediação cultural. O autor defende ainda a importância da forma na constituição da obra, argumentando que a contradição entre conteúdo e forma é fundamental para gerar a reação estética.

A transformação emocional provocada pela arte é o que o autor chama de catarse, afirmando que

Toda obra de arte [...] encerra forçosamente uma contradição emocional, suscita séries de sentimentos opostos entre si e provoca seu curto-circuito e destruição. A isto podemos chamar o verdadeiro efeito da obra de arte, e com isto nos aproximamos em cheio do conceito de catarse. (Vigotski, 1999, p. 269).



Segundo o pensamento de Vigotski, o envolvimento com a arte propicia uma reflexão sobre a realidade, levando o ser humano a reavaliar sua vivência diária e a se integrar plenamente na rotina. Conforme explicitado por Vigotski (1999), ao experimentar a arte, somos envolvidos por um processo de catarse complexo, no qual ocorre uma intensa liberação de emoções, sua mutação mútua, resultando não em sentimentos angustiantes provocados pelo conteúdo da narrativa, mas sim em uma sensação elevada e esclarecedora de alívio.

Essa dinâmica dialética contribui para a humanização do indivíduo, pois ao atuar como um meio de transcender a realidade, a arte possibilita que o ser humano entre em contato com suas próprias práticas materializadas, permitindo assim a reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo.

6. PROPOSTAS PARA TRABALHAR EM SALA DE AULA

Propostas adequadas do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I, observando-se que cada professora deve adaptar a proposta conforme sua metodologia.

1: História desventurada

Esta oficina visa desenvolver a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e o pensamento crítico dos alunos, incentivando-os a reescrever o destino de personagens literários. **Passo 1: Introdução da história** O professor seleciona e conta para a turma um romance clássico, focando em personagens que enfrentam problemas e desventuras ao longo da narrativa. Durante a leitura, o professor pode pausar e questionar os alunos sobre as escolhas dos personagens e as possíveis consequências.

Passo 2: Divisão da turma Após a leitura e a discussão inicial, o professor divide os alunos em pequenos grupos. A ideia é que cada grupo trabalhe de forma colaborativa na criação de uma nova versão da história.

Passo 3: Reescrita da narrativa Cada grupo é desafiado a criar um desfecho alternativo para a história. Eles devem imaginar como os problemas dos personagens poderiam ser resolvidos de uma maneira diferente da original. É fundamental que a nova história mantenha a coerência e resulte em um final que seja satisfatório e com sentido.

Passo 4: Apresentação e debate Os grupos apresentam oralmente suas novas versões da história para o restante da turma. Depois de todas as apresentações, a turma tece um paralelo entre as histórias inventadas e a história original, discutindo as diferentes abordagens e o impacto de cada desfecho.

2: Laços de palavras

O objetivo desta oficina é explorar a sonoridade das palavras, a formação de frases e a criação de poemas de maneira lúdica e colaborativa.

Passo 1: Escolha das palavras O professor seleciona um conjunto de palavras que rimam ou que terminam com o mesmo som. É importante que as palavras sejam familiares para os alunos.

Passo 2: Preparação dos cartões Os alunos recebem cartões e escrevem uma das palavras escolhidas em cada cartão. Em seguida, eles são orientados a criar frases usando essas palavras.

Passo 3: Organização e criação de frases Os alunos colocam os cartões com as palavras em ordem para formar frases. Eles podem ser dispostos em uma mesa ou no chão, incentivando a visualização e a experimentação com a estrutura da frase.

Passo 4: Montagem do poema Toda a turma forma um grande círculo. Cada aluno ou grupo compartilha suas frases. Juntos, a turma une as frases de maneira criativa e coesa, transformando-as em um poema único e coletivo.

3: O novo personagem

Esta atividade estimula a imaginação, a criatividade e a capacidade de observação dos alunos, incentivando-os a desenvolver personagens e narrativas a partir de um cenário pré-definido.

Passo 1: Apresentação da cidade imaginária O professor descreve aos alunos uma cidade imaginária com muitos habitantes e características que se assemelham, de alguma forma, à cidade onde vivem. A descrição deve ser rica em detalhes para que os alunos possam "visualizar" o ambiente.

Passo 2: Criação do novo personagem O professor lança o desafio: os alunos devem criar um novo personagem que acaba de chegar a essa cidade. O objetivo é que eles usem a imaginação para dar vida a um ser inédito.

Passo 3: Detalhamento do personagem Os alunos devem descrever o novo personagem de forma completa, detalhando tanto suas características físicas (como altura, tipo de cabelo, roupas e traços faciais) quanto suas características psicológicas (como personalidade, temperamento, medos e sonhos).

Passo 4: Narrativa da personagem na cidade Em seguida, os alunos devem contar o que aconteceria se o novo personagem vivesse na cidade imaginária. Eles podem explorar como o personagem interage com os habitantes e o ambiente, quais desafios enfrentam e quais aventuras viveriam.

4: Mudando a história

Esta oficina visa estimular a criatividade, a imaginação e a compreensão da estrutura narrativa. Os alunos são encorajados a intervir em histórias conhecidas, explorando diferentes possibilidades de enredo.

Passo 1: Introdução da história O professor escolhe uma história que a turma já conhece bem, como um conto de fadas, uma fábula ou uma narrativa trabalhada em sala. Ele faz uma breve recapitulação para que todos se lembrem dos personagens, do enredo principal e do final.

Passo 2: O desafio da mudança O professor propõe o desafio principal da atividade: mudar algo importante na história. Os alunos podem trabalhar individualmente ou em pequenos grupos. As mudanças podem incluir: alterar o final, inserir novos episódios, mudar o nome de um personagem ou criar um personagem novo.

Passo 3: A escrita da nova história Os alunos devem escrever a nova versão da história, incorporando as mudanças que decidiram fazer. O professor pode oferecer apoio na escrita, mas o foco é na liberdade criativa para reinterpretar a narrativa original.

Passo 4: Apresentação das novas versões Ao final, os alunos compartilham suas novas histórias com a turma. O professor pode conduzir uma discussão sobre como as pequenas mudanças impactaram o enredo, os personagens e a mensagem da história.

5: Dissertação prática

O objetivo desta oficina é introduzir os alunos à estrutura de um texto dissertativo, ensinando-os a identificar e a apresentar argumentos a favor e contra um determinado tema.

Passo 1: Divisão em grupos e escolha do tema A turma é dividida em grupos. O professor propõe um tema relevante e de interesse dos alunos para que cada grupo discuta.

Passo 2: Análise dos prós e contras Cada grupo discute o tema, focando em identificar os pontos positivos (o que é bom sobre o assunto) e os pontos negativos (o que é ruim sobre o assunto). O professor circula entre os grupos, orientando a discussão.

Passo 3: Síntese das ideias Ao final das discussões, o professor anota as principais ideias de cada grupo no quadro, organizando-as em duas colunas: "Vantagens" e "Desvantagens".

Passo 4: Produção do texto Individualmente, cada aluno produz um texto dissertativo, utilizando as ideias discutidas. O objetivo é que o texto aponte as vantagens e desvantagens do tema, demonstrando a capacidade do aluno de organizar um raciocínio com base em argumentos.

6: Em busca da solução

Esta oficina tem como foco o desenvolvimento do pensamento lógico, da capacidade de pesquisa e da colaboração para resolver problemas.

Passo 1: Apresentação do problema O professor propõe um problema prático ou hipotético para a turma. O problema pode estar relacionado a um tema de estudo ou a uma situação do cotidiano.

Passo 2: Trabalho em duplas Os alunos se organizam em duplas. A tarefa de cada dupla é encontrar e apresentar uma solução para o problema proposto.

Passo 3: Pesquisa e consulta de materiais Os alunos são encorajados a usar recursos como jornais, livros, enciclopédias ou outros materiais disponíveis em sala de aula para pesquisar e embasar suas soluções.

Passo 4: Apresentação da solução As duplas apresentam suas soluções para a turma. É fundamental que a solução proposta tenha coerência e faça sentido com o problema dado, e que os alunos saibam justificar suas escolhas.

7: A Flor do seu nome

O objetivo é explorar a identidade, o significado dos nomes e a construção de personagens literários, fazendo uma conexão entre o nome e a personalidade. A atividade conecta a identidade pessoal (o significado do próprio nome) com a construção de personagens na literatura. Ao refletir sobre o seu nome e seu significado, o aluno é incentivado a pensar em como o nome de um personagem em uma história também pode refletir sua personalidade, seu papel na trama ou seu destino.

Passo 1: Conexão com o nome O professor oferece uma flor a cada aluno. Cada aluno se apresenta, dizendo seu nome e, se souber, o que ele significa, compartilhando uma curiosidade ou sentimento sobre ele.

Passo 2: Discussão sobre nomes e personagens Em seguida, a turma discute como os nomes de personagens em histórias podem estar diretamente ligados às suas personalidades ou destinos. O professor pode usar exemplos de livros conhecidos para ilustrar esse ponto.

8: Quadrilha

Esta é uma atividade lúdica e de dramatização que explora a imaginação e a reinterpretação de narrativas através da teatralização.

Passo 1: O círculo e o livro Os alunos ficam em círculo, como se estivessem em uma quadrilha de festa junina. O professor propõe a discussão de um livro que a turma tenha lido.

Passo 2: A criação da quadrilha literária Os alunos usam a história do livro para criar uma nova narrativa, imaginando como os personagens se comportam se estivessem participando de uma quadrilha. O professor pode atuar como um narrador, conduzindo a "teatralização".

9: Palavra-sensação

O foco é na exploração de sentimentos e na construção de personagens complexos, usando a escrita como ferramenta.

Passo 1: Mapeando as sensações O professor propõe uma lista de sensações e significados (por exemplo: alegria, medo, coragem, solidão, etc.). Cada participante deve escrever uma ou duas palavras que associam a cada uma dessas sensações.

Passo 2: Compartilhando e listando As palavras criadas pelos alunos são listadas no quadro. A turma discute o significado de cada uma.

Passo 3: Criação de personagem Cada aluno escolhe uma palavra da lista que o inspire. A partir dessa palavra, o aluno cria um personagem, baseando a sua personalidade na palavra selecionada.

Passo 4: Produção do texto Por fim, cada aluno escreve um texto curto, apresentando o personagem que criou e narrando uma situação em que sua personalidade, baseada na palavra-sensação, se manifesta.

10. Baile de Máscaras (Quem sou eu?)

Esta oficina é ideal para desenvolver a descrição e a capacidade de inferência.

Preparação: Prepare pequenos pedaços de papel, cada um com o nome de uma pessoa famosa, seja ela um artista, cientista, personagem histórico, esportista ou de um livro. Certifique-se de que a pessoa seja conhecida pela maioria dos alunos.

O Jogo: Cada aluno recebe um papel e, sem olhar, o cola nas costas ou na testa, como uma "máscara". O objetivo é que o aluno não saiba quem ele é, mas os outros sim.

Adivinhar a Identidade: Os alunos circulam pela sala, fazendo perguntas uns aos outros para tentar descobrir quem são. As perguntas devem ser do tipo "sim" ou "não" (ex: "Eu sou homem?", "Eu sou vivo?", "Eu sou ator?").

Descrição do Personagem: Depois que a maioria adivinhou a sua identidade, cada aluno deve escrever um parágrafo descrevendo as características físicas e psicológicas da pessoa que "era". A ideia é descrever sem citar o nome, focando em detalhes que a tornam única.

Criação da História: Para aprofundar, divida a turma em grupos. Cada grupo deve criar uma história curta que inclua todos os personagens dos seus membros. Isso estimula a colaboração e a narrativa conjunta.

11. Carteira de Identidade

Esta atividade aprofunda a observação e a descrição a partir de pontos de vista diferentes. **Descrição do Colega:** Peça aos alunos para sentarem em duplas, de frente um para o outro. Dê um tempo para que observem atentamente seu colega, notando não apenas a aparência, mas também gestos, expressões e o modo de se vestir.

Adivinhar o Colega: Após a observação, um aluno descreve o outro para a turma, sem mencionar o nome. Os demais tentam adivinhar quem é. Essa etapa trabalha a descrição objetiva.

Descrição de Imagens: Em seguida, mostre à turma livros e imagens de paisagens, objetos ou personagens complexos. Peça aos alunos para descreverem esses elementos com o máximo de detalhes possível, usando palavras que evoquem sensações (cheiro, tato, som).

O Texto e a Ilustração: Para finalizar, cada aluno deve escolher um personagem de um livro ou imagem e escrever um texto detalhado, como se estivesse criando a "carteira de identidade" desse personagem. O texto deve incluir a aparência, personalidade, hábitos e, se possível, uma breve história de vida. O aluno deve, então, ilustrar o personagem.

12. Palavra-Chave

Uma oficina que estimula a argumentação, o autoconhecimento e a análise literária.

Definindo um colega: Um aluno vai para o centro da sala. Os colegas devem pensar em uma palavra-chave que o defina (ex: criativo, engraçado, líder) e justificar sua escolha com argumentos claros. O aluno no centro ouve as definições e pode refletir sobre o que os outros veem nele.

Definindo um objeto ou personagem: Na segunda parte, o professor coloca um livro ou a imagem de um personagem no centro. Os alunos devem definir esse objeto ou personagem com uma única palavra e justificar a escolha.

Discussão e debate: Essa atividade é excelente para iniciar uma discussão sobre um livro ou personagem, pois diferentes palavras-chave podem levar a diferentes interpretações e pontos de vista.

13. Acróstico

Uma forma divertida de explorar palavras e temas, aprimorando o vocabulário e a criatividade.

Escolha do Tema: O professor escolhe uma palavra-chave ou uma sigla relacionada ao tema em estudo (ex: um nome de personagem, um conceito científico, um lugar).

Criação do Acróstico: O professor escreve a palavra escolhida na vertical, uma letra por linha, no quadro. Os alunos, individualmente ou em grupo, devem criar um acróstico, pensando em palavras ou frases que comecem com cada uma dessas letras e se relacionem com o tema.

Exemplo com sigla: Se o tema for a ONU (Organização das Nações Unidas), os alunos podem criar:

Organização

Na

União

14. Final ao Contrário

Esta atividade estimula a criatividade e a compreensão de como a estrutura de uma história funciona.

Escolha da História: Escolha uma história bem conhecida pela turma, como um conto de fadas ou uma fábula.

Divisão dos Grupos: Divida a turma em dois grupos. Um grupo fica encarregado de reescrever um final triste para a história, e o outro, um final feliz.

Reescrita: Os grupos trabalham em suas versões, mudando o desfecho original. Por exemplo, se o conto da Cinderela termina feliz, o primeiro grupo deve criar um final onde ela não consegue ir ao baile ou perde o príncipe.

Troca e Leitura: Os grupos trocam seus finais e leem as histórias completas com os novos desfechos. Essa atividade gera uma discussão interessante sobre o impacto do final na percepção de uma narrativa.

15. Contos de Fadas Modernos

Uma atividade que incentiva a imaginação e a capacidade de adaptar narrativas clássicas.

Lembrando os Contos: Peça aos alunos para se lembrarem de contos de fadas tradicionais, como "Cinderela" ou "João e Maria".

Modernização: Divida a turma em grupos e peça para que escolham um conto para recriar, modernizando-o. Eles devem pensar em como a história seria se passasse hoje.

Elementos a Mudar: Incentive os alunos a mudar a profissão dos personagens (uma Cinderela que é programadora), o ambiente (uma floresta que vira um grande shopping) e os problemas (em vez de uma bruxa, talvez um vilão virtual).

Apresentação: Os grupos podem apresentar suas histórias, seja por meio de uma leitura, um texto ilustrado ou uma pequena encenação.

16. Relógio

Uma atividade colaborativa que trabalha a sequência temporal e a estrutura narrativa de forma lúdica.

O Relógio na Lousa: Desenhe um grande relógio na lousa. Os números, em vez de horas, podem representar os momentos da história.

Divisão dos Grupos: Divida os alunos em dois grupos: "Passado" e "Futuro".

Início da História: O professor começa a história com uma frase simples, que representa o "agora".

Narrando o Passado e o Futuro: O Grupo "Passado" deve criar a parte da história que explica o que aconteceu antes do "agora". O professor escreve as frases deles em um ponteiro que representa o passado. Em seguida, o Grupo "Futuro" continua a história, criando o que acontece depois do "agora", e o professor escreve no ponteiro do futuro.

A História Completa: Os alunos movem os ponteiros do relógio para conectar as partes da história. Isso os ajuda a visualizar como o passado e o futuro se conectam e como cada parte influencia a outra.

17. As Palavras da Tristeza e da Felicidade

Esta oficina trabalha a expressão de sentimentos e a capacidade de transformar emoções em palavras.

Brainstorming de Emoções: Comece a atividade pedindo aos alunos para fazerem um exercício de brainstorming. Em uma folha de papel, eles devem escrever dez palavras que expressam tristeza e outras dez que expressam felicidade. Dê exemplos para inspirá-los (Tristeza: melancolia, saudade, lágrimas, solidão. Felicidade: alegria, riso, euforia, conquista).

A Escolha das Palavras: Peça a cada aluno para escolher cinco palavras de cada lista (cinco de tristeza e cinco de felicidade) que mais o representa naquele momento ou que ele ache mais interessante.

Criação do Texto ou Poema: Com as dez palavras escolhidas (cinco de cada tipo), o aluno deve criar um texto ou poema. O desafio é usar todas as dez palavras de forma coerente, mesclando os sentimentos de tristeza e felicidade na mesma narrativa.

Compartilhamento: Após a escrita, os alunos podem compartilhar suas criações com a turma. Isso não só expõe a escrita de cada um, mas também abre espaço para a discussão sobre como diferentes pessoas interpretam e expressam as mesmas emoções.

18. Diários de Leitura

Esta atividade incentiva a leitura reflexiva e a escrita pessoal.

O Diário como Ferramenta: Apresente a ideia de um diário de leitura. Explique que o objetivo não é apenas resumir a história, mas registrar as impressões pessoais, os sentimentos e as reflexões sobre o que foi lido.

O que Escrever: Sugira aos alunos que o diário pode incluir:

Impressões gerais: O que acharam do livro ou texto?

Personagens: O que sentiram por um personagem? Eles se identificam com ele?

Acontecimentos: Uma cena que os marcou, um evento que os surpreendeu.

Conexões pessoais: O texto os fez lembrar-se de algo que aconteceu em suas próprias vidas?

A Organização: Oriente os alunos a sempre datar as entradas do diário, e se possível, colocar à hora. Isso ajuda a organizar o pensamento e a ver a evolução das suas leituras ao longo do tempo.

Discussão em Sala: Reserve um tempo regularmente para que os alunos possam compartilhar trechos de seus diários, se sentirem confortáveis. Isso transforma o diário de uma atividade individual para uma ferramenta de compartilhamento e debate em grupo.

19. Varal Poético

Uma forma criativa e visual de expor e compartilhar a produção literária da turma.

Preparação: Prepare um varal (pode ser um fio de nylon ou um barbante) e pregadores de roupa.

Produção dos Textos: Peça aos alunos que escolham um poema ou um texto que eles mesmos escreveram ou um trecho de uma obra que leram e gostaram muito. Eles podem transcrevê-lo em uma folha colorida ou em um papel especial. A ideia é que o texto seja visualmente atraente.

Exposição: Cada aluno, então, prende seu texto ou poema no varal com um pregador. O varal pode ser montado dentro da sala de aula ou em um espaço comum da escola.

Apreciação: Crie um momento para que a turma caminhe pelo varal, lendo os textos dos colegas. Isso não só valoriza o trabalho de cada um, mas também inspira novas leituras e escritas.

20. Mural da Leitura

Esta oficina transforma a sala de aula em um espaço interativo que celebra a leitura e a criatividade.

O Mural: Escolha uma parede ou um grande painel de cortiça que servirá como o "Mural da Leitura".

O que Colocar: A ideia é que os alunos contribuam com elementos visuais e textuais sobre as leituras que fizeram. Eles podem:

Escrever pequenos resumos ou críticas dos livros.

Desenhar os personagens ou as cenas que mais gostaram.

Colar figuras de revistas ou imprimir imagens que se relacionem com a obra.

Criar um "cartaz de procurado" para um vilão, ou uma "biografia" para um herói.

Manutenção e Renovação: Incentive os alunos a manterem o mural sempre atualizado. Eles podem adicionar novas contribuições a cada livro lido, tomando o mural um reflexo constante da jornada de leitura da turma. Essa atividade também pode ser usada para apresentar livros uns aos outros, funcionando como um clube do livro visual.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; RIBEIRO, Roberto Carlos. Ler, Contar, Ouvir Histórias: O ensino de Literatura nos anos iniciais. IN: Bittencourt, Zoraia Aguiar, Loss, Adriana Salete; Souza, Flávia Burdzinski de (organizadoras). **Fundamentos didáticos e pedagógicos para pensar a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental: diálogo com a BNCC.** –Curitiba: CRV, 2020. P. 101 a 119.

CANDIDO, Antonio. Literatura e direitos humanos. In: Fester, A. C. Ribeiro (org.). **Direitos humanos e...** São Paulo: Comissão Justiça e Paz, Editora Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Leitura e sociedade: estudos de teoria e história literária-8ªed.**—São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed., 13ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** 1. ed., 7ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** 1. ed., 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo; Paulino, Graça. **Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola.** In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Orgs.). **Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2012.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Convergências e Tensões nas Políticas Públicas de Leitura.** In: Dalben, Ângela; Diniz, Júlio; Leal, Ieva; Santos, Lucíola (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo, Atica, 1986.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

RAMOS, Flávia Brocchetto; Zanolla, Taciana. Repensando o ensino de literatura no ensino médio: a interação texto-leitor como centro. **Contrapontos**. Itajaí, v. 09, n. 1, p. 65-80, jan./abr. 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento In: Marinho, Marildes; Carvalho, Gilcinei T. (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 54-66

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: Evangelista, Aracy Alves Martins; Brandão, Heliana M. B.; Machado, Maria Zélia V. **A escolarização da leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

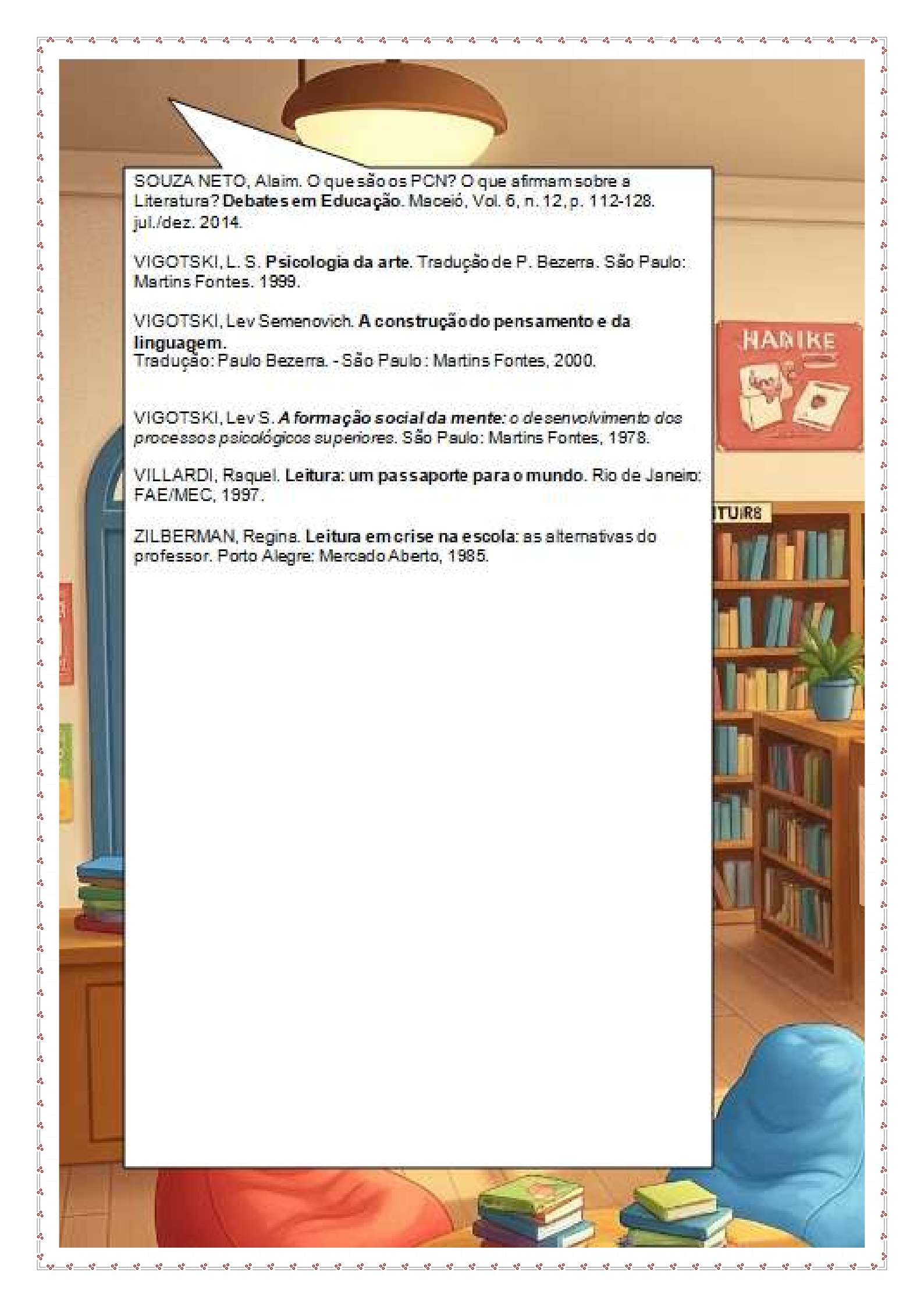
SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento In: Marinho, Marildes; Carvalho, Gilcinei T. (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 54-66

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: Evangelista, Aracy Alves Martins; Brandão, Heliana M. B.; Machado, Maria Zélia V. **A escolarização da leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNVWdHRkRrZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2025.



SOUZA NETO, Alaim. O que são os PCN? O que afirmam sobre a Literatura? *Debates em Educação*. Maceió, Vol. 6, n. 12, p. 112-128. jul./dez. 2014.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. - São Paulo : Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

VILLARDI, Raquel. *Leitura: um passaporte para o mundo*. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

